



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CLÁUDIA ROCHA DA COSTA RAMOS

**A ESCRITA IMAGINATIVA COMO PROCESSO DIALÓGICO EM A BOLSA
AMARELA, DE LYGIA BOJUNGA NUNES.**

CAMPINA GRANDE – PB

2015

CLÁUDIA ROCHA DA COSTA RAMOS

**A ESCRITA IMAGINATIVA COMO PROCESSO DIALÓGICO EM A BOLSA
AMARELA, DE LYGIA BOJUNGA NUNES.**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciada em Letras Português.

Orientadora: Prof^a Ana Lúcia Maria de Souza Neves

CAMPINA GRANDE – PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837e Ramos, Claudia Rocha da Costa
A escrita imaginativa como processo dialógico em A bolsa amarela, de Lygia Bojunga Nunes [manuscrito] / Claudia Rocha da Costa. - 2015.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Ana Lucia Maria de Souza Neves,
Departamento de Letras".

1. Análise do Discurso 2. Escrita 3. Identidade 4.
Dialogismo I. Título.

21. ed. CDD 401.41

CLÁUDIA ROCHA DA COSTA RAMOS

**A ESCRITA IMAGINATIVA COMO PROCESSO DIALÓGICO EM A BOLSA
AMARELA, DE LYGIA BOJUNGA NUNES.**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e
Artes da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,
em cumprimento à exigência para a obtenção do
grau de Licenciada em Letras Português.

Orientadora: Profª Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Aprovada em 04 / Outubro 2015.

Ana Lúcia Maria de Souza Neves Nota 9,0

Profª Drª Ana Lúcia Maris de Souza Neves / UEPB

Orientadora

Profª Rosângela Maria Soares de Queiroz Nota 9,5

Profª Drª Rosângela Maria Soares de Queiroz / UEPB

Examinadora

Francisca Eduardo Pinheiro 9,5

Profª Ms. Francisca Eduardo Pinheiro

Examinadora

Média 9,3

A Deus e a Nossa Senhora! Que sem eles em minha vida a realização desse trabalho não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Ao grande amor da minha vida “MINHA MÃE”, pessoa que dedico esta formação e agradeço de coração por acreditar nos meus sonhos e me apoiar com palavras de incentivos e orações.

Ao meu esposo, pela paciência, compreensão e por ter me proporcionado sempre o melhor para realização desta conquista.

Ao meu pai que contribuiu com seus ensinamentos no início da minha educação.

Aos meus familiares e amigos, que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

A professora Ana Lúcia Maria de Souza Neves, que além de orientadora, foi uma grande amiga, que abdicou de momentos dedicados ao seu lar, para me orientar e me incentivar nos momentos de dificuldades que encontrei.

As professoras Rosângela Maria Soares de Queiroz e Francisca Eduardo Pinheiro que no decorrer desta minha formação acadêmica contribuíram de forma considerável para meu desenvolvimento intelectual.

A todos vocês, o meu “Muito Obrigada!

*“Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio e a minha fortaleza e nele confiarei!”
(Salmo 91).*

RESUMO

Neste artigo realizamos um estudo da escrita na obra *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga Nunes. A pesquisa nasceu motivada pelo interesse em mostrar que na referida obra a linguagem escrita atua como um efetivo processo dialógico, no sentido Bakhtiniano, fundamental para a emancipação identitária da personagem. O objetivo principal é mostrar que a terceira vontade, ou seja, a de escrever é o elemento que impulsiona o desenrolar da história, propiciando o desdobramento do enredo em várias outras histórias, assim como o desenvolvimento psicológico, afetivo, social e conseqüentemente identitário da personagem. A metodologia do trabalho consistiu na leitura analítica do romance, atentando para os aspectos estéticos do texto, sem perder de vista o contexto histórico e cultural em que a obra foi produzida. As reflexões foram fundamentadas em Bakhtin (1992;1998) Hall (1999), Coelho (1982), Fiorin (2006), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso. Escrita. Identidade, Dialogismo.

ABSTRACT

In this article we conducted a study of writing the work *The yellow bag* Lygia Bojunga Nunes. The research was born motivated by interest in showing that the said work written language acts as an effective dialogical process in order Bakhtinian , fundamental to identity emancipation of character . The main objective is to show that the third will, that is, writing is the element that drives the story unfolds, providing the plot unfolding in several other stories, as well as the psychological, emotional, social and consequently identity of character. The methodology of work was the analytical reading of the romance, paying attention to the aesthetic aspects of the text, without losing sight of the historical and cultural context in which the work was produced. The reflections were based on Bakhtin (1992;1998) Hall (1999), Rabbit (1982), Fiorin (2006), among others.

KEYWORDS : Speech analysis. Writing. Identity. Dialogism.

1. INTRODUÇÃO

A Bolsa Amarela é uma importante obra da Autora Lygia Bojunga Nunes, publicada em 1976. O romance já recebeu vários prêmios e muitos elogios pela crítica literária, tornando-se, assim, um clássico da literatura infantil. A obra é composta por dez capítulos, intitulados: *As Vontades; A Bolsa Amarela; O Galo; História do Alfinete de Fralda; A Volta da Escola; O Almoço; Terrível Vai Embora; História de Um Galo de Briga e De Um Carretel de Linha Forte; Comecei A Pensar Diferente; Na Praia*.

O livro trata da história de uma menina de nove anos de idade chamada Raquel, que, como tantas outras de mesma faixa etária, se encontra em uma fase da vida marcada por questionamentos e descobertas a respeito de sua existência e de tudo que a rodeia. Nascida numa família de estrutura tradicional, composta por seus pais e seus três irmãos mais velhos, a menina enfrenta muitas dificuldades em ser aceita e respeitada pelos familiares.

O ponto de partida para o desenrolar da história se dá a partir das três grandes vontades da menina: a primeira é a vontade de crescer e deixar de ser criança; a segunda é a vontade de ser garoto em vez de menina; e a terceira é a vontade de ser escritora.

Neste artigo, o objetivo é mostrar que a terceira vontade, ou seja, a de escrever é o elemento que impulsiona o desenrolar da história, propiciando o desdobramento do enredo em várias outras histórias, assim como o desenvolvimento psicológico, afetivo, social e consequentemente identitário da personagem.

A construção da identidade é um dos aspectos centrais da obra. Para discutirmos sobre esta temática recorreremos ao estudo realizado por Hall no livro “A Identidade Cultural na Pós Modernidade” (1999). Neste estudo, Stuart Hall defende que a identidade ainda é um tema bastante complexo, mas que vem sendo muito discutido nos últimos anos, principalmente, pelos estudos culturais.

Hall, assim como a maioria dos teóricos sociais, percebeu que no final do século XX muitas mudanças ocorreram na estrutura da sociedade moderna e tais mudanças foram responsáveis pela fragmentação de toda a esfera social, trazendo consigo uma reflexão sobre as “velhas identidades”, denominação dada ao sujeito unificado que por muito tempo estabilizou-se no mundo social, mas que atualmente está em declínio pelo fato de está surgindo novas identidades, resultando dessa forma, numa descentralização e fragmentação

das identidades modernas. Como decorrência dessas transformações, o sujeito está passando por uma crise de identidade, ou seja, está perdendo todo o conceito que ele tem de si, como sujeito integrado e tornando-se, assim, um sujeito fragmentado composto de muitas outras identidades. Mais adiante veremos de que forma essa problemática em torno da identidade incide na vida da personagem Raquel que vive um conflito psicológico consigo mesma em busca da realização pessoal.

Ao escrever suas aventuras, Raquel mistura fantasia e realidade numa relação que envolve os mais variados sentimentos como: amizade, coragem, medo, vontade, amor, liberdade. Tudo isso reunido num só contexto acaba transformando-se numa bela narrativa, contada a partir da história de vida da personagem com seus desafios e conquistas. Nesse mundo imaginário, tudo acontece intermediado pela escrita e as situações ocorrem de forma tão instigante, que, em determinados momentos, o que era para ser algo apenas da imaginação confunde-se com o real.

Na obra em questão, percebemos que por meio da escrita a protagonista encontra uma maneira de manifestar todas suas ideias e vontades, permitindo-se construir um mundo imaginário, que a faz refletir sobre a sua vida real. Com isso, ela passa a conhecer melhor a si mesma, a se aceitar e a compreender melhor o outro (mãe, pai, irmãos).

A escrita, neste sentido, ocupa um espaço de relevância na obra, mas não a escrita apenas como cópia, registro e sim a escrita como “dialogização enunciativa”, conforme destaca Bakhtin:

linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. [...] Para se tornarem dialógicas as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado e ganhar autor, criador de dado enunciado cuja preposição ela expressa. (BAKHTIN, 1997 p. 183-184).

Frente ao exposto, o presente estudo focalizará a escrita como o instrumento de emancipação da personagem na narrativa. Para tanto, organizamos o trabalho em três partes, a saber: Na segunda parte, apresentamos a autora e as características predominantes da sua produção literária. Na terceira parte apresentamos as contribuições do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, centrando a atenção na discussão dos conceitos de dialogismo, gêneros do discurso, interação e polifonia. Na quarta parte, analisamos a obra *A bolsa Amarela*, focalizando a questão da escrita dialógica como o meio utilizado pela personagem para se descobrir, se aceitar e se realizar como menina/mulher.

2. Considerações sobre a autora Lygia Bojunga Nunes: aspectos biobibliográficos

Lygia Bojunga Nunes, Gaúcha, nasceu no dia 26 de agosto de 1932 em Pelotas, no Rio Grande do Sul. Começou a criar os primeiros personagens aos sete anos de idade. Fez teatro, rádio e televisão, mas foi na escrita, que ela descobriu sua vocação artística.

Apaixonada pelas obras de Monteiro Lobato desde criança, como ela mesma diz: “Monteiro Lobato fez de mim uma leitora apaixonada¹”, ao iniciar a carreira de escritora, a autora procurou reproduzir em suas obras, o estilo lobatiano, ou seja, ela adotou uma linguagem coloquial, e procurou misturar realidade e fantasia, num ambiente literário adequado e descontraído, para que seus leitores pudessem sonhar e refletir até mesmo sobre uma possível resolução de seus conflitos.

Aos 27 anos, criou sua morada em um lugar na mata chamado “A Boa Liga”, localizado no bairro de Santa Tereza no Rio de Janeiro. Nesse lugar pacato, Lygia costumava sonhar, criar seus personagens e elaborar seus projetos. Por essas razões surgiu à ideia de criar sua editora para poder acompanhar de perto todas as etapas de seus livros, desde criação, editoração, até chegar às mãos do seu público alvo “o leitor infantil”. Porém, nem toda obra de Lygia é exclusivamente para criança. Ela também é detentora de obras voltadas para jovens e adultos, a exemplo de “Retratos de Carolina”, obra que inaugurou a sua Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, instituição fruto do prêmio **ALMA**, considerado o maior até hoje conferido à literatura para infância e Juventude. A fundação tem como prioridade abrigar suas obras, além de desenvolver e apoiar projetos ligados ao livro. Dentre os projetos importantes, existe o “PAIOL DE HISTÓRIAS” (lugar reservado para contação de histórias, rodas de leitura e atividades relacionadas à leitura.).

No Brasil, Lygia foi consagrada como um dos maiores nomes da literatura infantil pela qualidade da sua obra e pela propriedade em abordar temas que revelam as adversidades encontradas pelas crianças em seu cerne familiar. Já recebeu vários prêmios, dentre eles os mais importantes são: 1973 – Prêmio Jabuti – Câmara Brasileira do Livro (CBL); 1982 – Hans Christian Andersen – YBBY – (pelo o conjunto de sua obra) o mais tradicional prêmio internacional de literatura para crianças e jovens². A autora sempre procurou extrair o melhor de si, no intuito de contribuir na formação de crianças e jovens, sensibilizando-os e tornando-

¹ Dado coletado no site: www.casalygiabojunga.com.br

² Dado coletado no site: www.casalygiabojunga.com.br

os críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Com muita competência e criatividade, ela consegue em seu universo narrativo misturar ludismo, realidade e fantasia de tal maneira, que aos poucos, vai construindo e desconstruindo opiniões, tocando e emocionando todos seus leitores. O amor pela escrita acabou tornando-se um meio de sobrevivência, de modo que ela passou a “Viver com livro, viver pra livro, viver de livro”.

A autora Lygia Bojunga pertence a vertente da Literatura Infantil e Juvenil que despontou no Brasil a partir da década de 1970, por possuir um caráter inovador e uma ideologia transformadora que permite ao leitor sonhar e refletir sobre o seu mundo. Período que ficou conhecido como o *Boom* da literatura para crianças e jovens. Assim como seus contemporâneos, a autora investe na perspectiva estética (PERROTTI, 1986), rompendo com o viés moralizante, didático, que usava o texto literário como pretexto para ensinar ao leitor.

De acordo com Coelho (1988), a obra de Bojunga está marcada por inovações, dentre as quais se destacam: transgressão dos limites entre a fantasia e a realidade; abordagem de temas sociais, históricos contemporâneos com ludismo, lirismo e humor; ênfase no trabalho em grupo para resolver os problemas; uso da linguagem fluente e coloquial próxima do universo de crianças e jovens; defesa pela liberdade de expressão e respeito às diferenças entre as pessoas, principalmente os indivíduos historicamente excluídos como a criança, a mulher, o idoso.

3. O dialogismo na perspectiva de Bakhtin

As contribuições do teórico Russo Mikhail Bakhtin, nascido em Moscou no final do século XIX, são muito importantes para os estudos da linguagem desde o século XX e permanecem como referências nos dias de hoje. Bakhtin foi um dos precursores e influenciadores das correntes denominadas “enunciativa, textual e discursiva” e se destacou pelo seu modo de tratar temas ainda hoje considerados relevantes nas ciências humanas, entre eles “o princípio dialógico da linguagem”.

Diferentemente de alguns estudiosos linguistas que estudaram a língua a partir de suas unidades mínimas até a dimensão da frase, Bakhtin deu ao texto um lugar central ao tratar de estudos relacionados ao homem, definindo-o como objeto de estudo das ciências humanas. Convicto de que “a vida é dialógica por natureza” (BAKHTIN *apud* BARROS 1997, p.30) acentua que em todas as relações existentes entre indivíduos e natureza o dialogismo está presente.

Barros (1997), na obra “Contribuições de Bakhtin às Teorias do Discurso”, afirma que Bakhtin conceitua o dialogismo como: “o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso.” (BAKHTIN *apud* BARROS 1997, p.29). Em virtude desse conceito, para o teórico russo: “o discurso não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um “diálogo entre discursos”. (BAKHTIN *apud* BARROS 1997, p.29).

De acordo com Barros (1997), o dialogismo interacional bakhtiniano apresenta quatro aspectos:

- 1) A interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem (Bakhtin vai mais longe do que os linguistas saussurianos, pois considera não apenas que a linguagem é fundamental para a comunicação, mas que a interação dos interlocutores funda a linguagem);
- 2) O sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, ou seja, constroem-se na produção e interpretação dos textos;
- 3) A intersubjetividade é anterior a subjetividade, pois a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto;
- 4) [...] dois tipos de sociabilidade: a relação entre sujeitos (entre os interlocutores que interagem) e a dos sujeitos com a sociedade.

Já para Fiorin (2006, p.24), “o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes.”.

Sendo assim, para o estudioso russo, o diálogo é produto da interação dos interlocutores e só é possível conhecer o sujeito no e pelo discurso que ele produz, já que o sujeito só pode ser apreendido como uma propriedade das vozes que ele anuncia. (BARROS 1997).

3.1 Diálogo, discurso e enunciado

Segundo Bakhtin: “[...] como sabemos, a unidade real da língua que é realizada na fala (*Sprache als Rede*) não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo” (BAKHTIN, *apud* BARROS 1997, p.150).

De acordo com Bakhtin (*apud* Fiorin, 2006, p.18):

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, O discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar.

Desta forma, podemos perceber que, na teoria bakhtiniana, a alteridade é fundamental no processo de interação. Fiorin lembra-nos que, para Bakhtin, “todos os enunciados no processo de comunicação são dialógicos.” (FIORIN, 2006, p.59). Segundo o professor Fiorin: “o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio”. (p.59).

A “Translinguística” bakhtiniana tem como objeto os aspectos e as formas das relações dialógicas entre enunciados e entre suas formas tipológicas. (FIORIN, 2006). Com base em Bakhtin, Fiorin define enunciado como:

[...] a réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos. O que delimita, pois, sua dimensão é a alternância dos falantes. Um enunciado está acabado quando permite uma resposta de outro. Portanto, o que é constitutivo do enunciado é que ele não existe fora das relações dialógicas. Nele estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante. (p.21).

Para Bakhtin, um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição a qual ele se constrói. Além disso, os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são sempre inevitavelmente o lugar da contradição. (FIORIN, 2006, p.24-25).

Um aspecto muito importante destacado por Bakhtin é que no dialogismo o ser humano encontra o espaço de sua liberdade e de seu inacabamento. Nunca ele é submetido completamente aos discursos sociais. “A singularidade de cada pessoa no “simpósio universal” ocorre na interação viva das vozes sociais”. Nesse “simpósio universal”, cada ser humano é social e individual.” (FIORIN, 2006, p.28).

3.2 Dialogismo e polifonia

Segundo Bakhtin (1998), “o diálogo é condição da linguagem e do discurso, mas há textos polifônicos e monofônicos conforme variem as estratégias discursivas empregadas.” (p.35). Sendo o termo polifonia designado para caracterizar o tipo de texto em que é perceptível a presença das diversas vozes no discurso, opondo-se assim, aos textos monofônicos, ou seja, aqueles em que estão ocultos os diálogos que os constituem. Em ambos os casos é possível perceber que se trata dialogicamente de efeitos de sentidos, ou melhor, de estratégias discursivas que caracterizam determinados textos.

4. A escrita na obra em estudo: um mergulho na interioridade guiada por bilhetes, cartas e romance

Raquel, personagem-narradora, inicia a obra por meio de um monólogo, a respeito de suas três grandes vontades, que, segundo ela, vão crescendo e engordando dentro de si. Em alguns momentos ela chega a ter dúvida: Qual das três vontades é a maior?...

Eu tenho que achar um lugar para esconder minhas vontades. [...] Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever. (BOJUNGA, 2014, p.9).

No trecho acima, podemos perceber o dilema identitário vivido pela personagem por não se aceitar enquanto criança e do sexo feminino. “Esta perda de um “sentido de si” estável pode ser considerado um deslocamento ou descentração do sujeito” (HALL, p.9) o que acaba ocasionado no indivíduo uma “crise de identidade”. Pois na sociedade moderna o sujeito não apresenta uma única identidade, mas uma identidade plural e muitas vezes fragmentada.

O dialogismo se faz presente no livro do início ao fim. Em determinado momento por meio de um monólogo, em outros, através das relações de sentido que se estabelecem nos enunciados entre a protagonista e seus personagens. Na obra em estudo, Raquel é uma menina que se sente muito só, por não ter alguém para conversar e compartilhar suas ideias, angústias e brincadeiras, ou melhor, alguém com quem ela possa interagir. Mediante esse conflito psicológico, Raquel toma uma grande decisão, talvez a mais importante de sua vida: que é ser escritora. Com lápis e papel na mão, ela dá início a uma trajetória narrativa e por intermédio de sua imaginação cria seu primeiro amigo imaginário, o “André”, dois anos mais velho que ela, a quem passa a contar toda a sua vida e confidenciar todos os seus problemas:

Prezado André
 Ando querendo bater papo. Mas ninguém tá a fim.
 Eles dizem que não tem tempo. Mas ficam vendo
 televisão. Queria contar minha vida. Dá pé?
 Um abraço da Raquel. (BOJUNGA, 2014, p.10).

Nesse processo de interação por meio da escrita, a menina faz uso de uma linguagem informal, característica dos “gêneros textuais primários” escolhidos por ela (bilhetes, cartas, telegramas...) como forma de estabelecer um meio de comunicação com seus personagens.

Bakhtin (*apud* FIORIN, 2006) define gênero textual primário como:

Os gêneros da vida cotidiana. São predominantemente, mas não exclusivamente, orais. Pertencem à comunicação verbal espontânea e têm relação direta com o contexto mais imediato. São, por exemplo, a piada, o bate-papo, a conversa telefônica... E o mail, o bilhete o chat...

Nas correspondências enviadas ao seu amigo imaginário, Raquel centraliza todo o seu discurso em torno das dificuldades enfrentadas em seu núcleo familiar: como a repressão nos momentos em que deseja realizar algo tão simples como dá uma opinião, escrever, ou até mesmo soltar uma pipa. Tantas dificuldades encontradas acabam instigando a menina a questionar sua existência pelo fato de se sentir tão só e tão rejeitada em seu mundo infantil:

Querido André:
 Quando eu nasci, minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo mundo já é grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: “A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe não tinha mais condição de ter filho.”
 Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é? (BOJUNGA,2014, p.11).

O dialogismo algumas vezes não se apresenta no fio do discurso, em outras, ele se apresenta por meio da incorporação da voz ou das vozes de outro(s) pelo enunciador no enunciado (FIORIN, 2006). No fragmento acima, o dialogismo se mostra demarcado nos enunciados por meio de um discurso direto na voz de Raquel: “Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo:” (BOJUNGA, 2014, p.11); e na voz da irmã de Raquel por um discurso indireto com aspas “A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe não tinha mais condição de ter filho.” (BOJUNGA, 2014, p.11).

A escrita permite a menina encontrar amigos e apoio necessários para superar as adversidades do seu dia a dia, bem como, orientação necessária para dar continuidade as suas narrativas em busca de sua realização pessoal. Deste modo, a linguagem escrita é tomada

como interação dialógica entre a personagem Raquel e os personagens inventados por ela. Para Barros (1997), citando Bakhtin, dependendo das estratégias discursivas empregadas, no diálogo pode haver textos polifônicos ou monofônicos. Em *A Bolsa Amarela*, a escritora cria a representação de uma polifonia por meio da qual a protagonista dialoga com diferentes personagens. Esta “polifonia”, no entanto, corresponde na verdade a uma monofonia, uma vez que a regente de todos os discursos é Raquel, a personagem principal. Percebemos que a estratégia discursiva utilizada acentua o drama vivido pela personagem, pois ao mesmo tempo em que ela busca o diálogo com o outro, ela se (re)vela sozinha.

Segundo Bakhtin, em todos enunciados “existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu.” (FIORIN, 2006, p.19). É o que acontece neste universo imaginário de Raquel quando ao escrever suas cartas, ela busca encontrar respostas para seus questionamentos, deste modo, seus enunciados já seguem ocupados e atravessados pelo discurso alheio, que lhe retorna na voz do seu amigo André, por exemplo, com uma orientação para não desistir e continuar escrevendo:

Querida Raquel:

Pra falar a verdade eu preferia não me meter nessa história: uma vez fui desenrolar um problema de uma amiga minha e acabei me enrolando todo também. [...] Mas se você inventa um caso com gente inventada, com casa inventada, com bicho inventado, aposto que não te dão mais cascudo nem... (BOJUNGA, 2014, p.14-15).

A saída para Raquel seria escrever sem envolver pessoas do seu mundo real. No momento em que ela retoma a escrita, ela cria uma nova amiga imaginária chamada: Lorelai. Por meio de suas lembranças, ela escreve uma carta memorialista repleta de saudades e passa a contar tudo sobre o tempo em que morava na roça com sua família, conta da paisagem, bichos, brincadeiras e da feliz relação que existia entre seus pais. Fazendo assim, um comparativo com sua vida atual:

Lorelai:

Era tão bom quando eu morava lá na roça. A casa tinha um quintal com um milhão de coisas, tinha até galinheiro. Eu conversava com tudo quanto era galinha, cachorro, gato, lagartixa, eu conversava com tanta gente que você nem imagina, Lorelai. [...] Meu pai e minha mãe viviam rindo, andavam de mão dada, era uma coisa muito legal da gente ver. Agora tá tudo diferente: eles vivem de cara fechada, brigam à toa, discutem por qualquer coisa. (BOJUNGA, 2014, p.19).

A amiga Lorelai responde:

[...] Querida amiga: Acho que o único jeito é você voltar pro quintal da tua casa.[...] (BOJUNGA, 2014, p.20).

Raquel replica:

[...] Escrevi dizendo que tá bem: eu ia: mas só se ela fosse comigo. Ela topou.[...] (BOJUNGA, 2014, p.21).

O dialogismo se mostra com muita propriedade nesse diálogo imaginário entre Raquel e sua amiga Lorelai. Pois ele se constitui fazendo retomadas a fatos passados na vida da menina, como também projetando uma mudança para o futuro da protagonista.

Depois desta troca de correspondências com sua amiga imaginária, Raquel é tolhida pela família, que descobre seus escritos e a põe de castigo. Então, a menina resolve fazer uma mudança em seu modo de escrever. Em vez de cartas e bilhetes onde relata episódios envolvendo seus familiares, ela passa a escrever um romance que conta a história de um galo de briga chamado Rei que vivia em um galinheiro insatisfeito por viver trancado, sobretudo, dando ordens às galinhas:

Fiquei danado subi no puleiro e berrei:
 “Não quero mandar sozinho! Quero um galinheiro com mais galos! Quero as galinhas mandando junto com os galos!”
 Que legal!
 Legal coisa nenhuma; me levaram preso.
 Mas por quê?
 Pra eu aprender não ser um Galo diferente. Me botaram num quartinho escuro. Tão escuro que quando eu saí de lá tava todo preto. [...] E foram logo dizendo: “Daqui pra frente você vai ser um tomador de conta-de-galinha, como o meu pai era, como seu avô era, como seu tataravô era – senão volta pra prisão.” (BOJUNGA,2014, p.36).

Analisando o enunciado acima percebemos que se trata de uma réplica, por esse motivo, possui um acabamento que lhe permite uma resposta. Nele, atua uma voz social que é representada através das vozes de Raquel e do galo Rei, no entanto, essa voz não é dirigida apenas ao seu destinatário imediato, ou seja, a menina e o galo. Porém, a um “superdestinatário”, que no âmbito desta narrativa, seria um discurso ideológico, político e social, vigente no contexto histórico brasileiro na década de 70. Período da Ditadura Militar, onde toda forma de expressão que fosse de encontro à ideologia imposta pelo governo militar da época, seria fortemente reprimida. Momento este, em que predominava sob os povos da nação, um sentimento de indignação por não ter direito à liberdade de expressão, nem tão pouco, o direito de ir e vir. Assim, Raquel faz uso em sua escrita de uma linguagem

metafórica ³ para denunciar esses fatos polêmicos e conflituosos que ainda pairam sobre o comportamento das pessoas na sociedade moderna.

Desta vez, a protagonista utiliza-se de um gênero textual secundário (romance), definido por Bakhtin como gênero que:

[...] parodia os outros gêneros (justamente como gêneros), revela o convencionalismo das suas formas e da linguagem, elimina alguns gêneros, e integra outros à sua construção particular, reinterpretando-os e dando-lhes um outro tom. (BAKHTIN, 1998, 397).

Bakhtin dedicou sua maior atenção ao romance, tal fato se dá pela maneira em evidenciar a diversidade, a diferença, a heterologia tornando este gênero a mais intensa representação do dialogismo. (FIORIN, 2006).

O romance é um gênero literário plurilinguístico, pluriestilístico e plurivocal, pois sua estrutura permite “diálogos de todos os tipos (a conversação mundana, o bate-papo de amigos, os colóquios dos amantes...), monólogos interiores, ensaios, narrativas, cartas fragmentos de diários, poemas líricos, proclamações oficiais, memorandos, etc.” (BAKHTIN, *apud* FIORIN, 2006, p.117-118).

Fiorin lembra-nos que o "romance é o gênero mais aberto à mudança, à diversidade, deslocando a percepção sobre o mundo e sobre a linguagem. Por isso, é o gênero preferido por Bakhtin, para ilustrar suas ideias a cerca da linguagem, da organização social e da percepção”. (BAKHTIN, *apud* FIORIN, 2006, p.138-139).

Ao escrever seu romance, a menina revela uma imaginação extraordinária e traz consigo uma capacidade criativa que lhe permite criar personagens com personalidades e finalidades distintas, que, reunidas em um só contexto, transformam seu universo literário em um mundo dialógico, fantástico e maravilhoso. Tudo começa a mudar para Raquel desde o momento em que sua Tia Brunilda manda para sua família um pacote cheio de roupas, calçados e acessórios, para serem distribuídos entre eles. Durante a distribuição, cada um ficava com alguma coisa e nada restava para ela. Só que desta vez foi diferente: restou a bolsa amarela, palco onde seus personagens atuarão de maneira dialógica e criativa.

³ É um ‘princípio onipresente da linguagem’ pois é um meio de nomear um conceito de um dado domínio de conhecimento pelo emprego de uma palavra usual em outro domínio. (HOUAISS, 2008, p.484).

4.1 A construção da identidade mediada pela imaginação presente na escrita romanesca de Raquel

A identificação da protagonista com a bolsa foi imediata, isso se deu pelo fato de a bolsa não possuir uma uniformização em sua cor, além de trazer consigo um amarelo “desigual” que pode muito bem simbolizar a alegria e o desejo de prosperidade da menina, que demonstra um jeito “diferente” de ser. Com relação ao tamanho da bolsa, este, pode ser associado ao desejo da personagem em ser gente grande. Quanto aos bolsos, ela fez uma associação aos esconderijos do quintal de sua casa, mas no contexto dessa narrativa serviria para esconder suas ideias, vontades, sonhos e fantasias. Só que tinha um detalhe: a bolsa não tinha fecho. Daí ela comprou um fecho e estabeleceu um modo de comunicação entre eles:

– Escuta aqui, fecho, eu quero guardar umas coisas bem guardadas aqui dentro desta bolsa. Mas você sabe como é que é, não é? Às vezes vão abrindo a bolsa da gente assim sem mais nem menos; se isso acontecer você precisa enguiçar viu? [...] (BOJUNGA, 2014, p.30).

No trecho citado, temos uma representação da força centrípeta atuando por meio da voz de Raquel em um diálogo com o fecho da bolsa onde ela determina que tipo de postura ele terá que assumir numa determinada situação. Nas relações sociais, há um jogo de vozes que atuam sempre numa relação de poder. Em determinados momentos, essas vozes atuam por meio uma força centrípeta, determinando o que as outras devem ou não dizer, em outros, por meio de uma força centrífuga, ou seja, agindo através de comentários irônicos ou sarcásticos a respeito de uma verdade estabelecida. (FIORIN, 2006).

Ao determinar as ações de seus personagens, a protagonista inverte a situação vivida por ela em seu mundo real e passa a exercer um domínio sobre tudo que acontece em seu mundo imaginário. No que se refere ao processo de construção da identidade, a alteridade muitas vezes se mostra vinculada a atitudes de dominação exercida pelo sujeito da situação:

[...] existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou *locus*. É uma demanda que se estende em direção a um objeto externo [...]. É sempre em relação ao lugar do Outro que o desejo colonial é articulado: o espaço fantasmático da posse, que nenhum sujeito pode ocupar sozinho ou de modo fixo, e, portanto, permite o sonho da inversão dos papéis. (BHABHA 1988, p.76).

Com a chegada da bolsa amarela, a vida da protagonista começa a tomar um novo rumo e a ter um outro sentido, pois a bolsa, passa a ser o instrumento, o meio que possibilitará a construção identitária da menina, que ao mergulhar neste universo simbólico, por meio da

escrita e da imaginação, dá início a uma trajetória narrativa que envolve realidade e fantasia, para realizar seus desejos e denunciar os dilemas que enfrenta em seu mundo real.

O Galo Rei/Afonso é o companheiro da protagonista do início ao fim do romance. Ao criar este personagem, ela põe nele comportamentos e atitudes semelhantes aos seus, como o modo de pensar e a coragem para lutar por suas ideias.

- Achei!
- O quê?
- A ideia.
- Vou sair pelo mundo lutando para não deixarem costurar o pensamento de ninguém. (BOJUNGA, 2014, p.105)

Por meio de um discurso objetivado na forma direta, demarcado por travessões, mostram-se alternandas as vozes de Raquel e do galo Afonso. Os enunciados constituem um discurso que exprime o desejo da menina em lutar por um mundo melhor onde possa existir uma liberdade de expressão e igualdade entre as pessoas.

O Alfinete de fraldas, outro personagem do romance, que também vive na bolsa, procura mostrar que nas relações sociais, cada pessoa possui sua importância, nessa história, ele servia para dar ideias a Raquel e orientá-la em alguns momentos de tensão. “ No dia que eu saí da fábrica, eu vi uma casa que consertava tudo. Consertava guarda-chuva também. [...] Botei o alfinete na palma da minha mão e quando cheguei na rua pedi para ele mostrar o caminho.” (BOJUNGA,2014,p.106-107). Esta aprendizagem com os personagens imaginários será de fundamental importância para a formação identitária de Raquel.

Outra personagem é a Guarda-Chuva, que contribui de forma considerável no processo de construção da identidade da protagonista e de sua aceitação como criança/menina. Por meio das ações desta personagem a menina vai descobrindo que não precisa ser menino, nem gente grande para ser feliz e se realizar. Bastaria apenas que suas vontades fossem respeitadas:

– Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher? E ele respondeu: mulher. O homem então fez um guarda-chuva menor que guarda-chuva homem. E usou uma seda cor-de-rosa toda cheia de flor. O cabo ele não fez reto não: disse que guarda-chuva mulher tinha que ter curva. E pendurou no rabo uma correntinha que às vezes guarda-chuva homem não gosta muito de usar. Fui andando e pensando que eu também queria ter escolhido nascer mulher: a vontade de ser garoto sumia e a bolsa ficava muito mais leve de carregar. (BOJUNGA,2014,p.48).

Reportando a questão da identidade, os estudos mostram que “Dentro de nós há identidades contraditórias empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. (HALL, p.13.). A consequência disso

são as constantes transformações que estão ocorrendo em todas as esferas da sociedade e que de certa forma acaba incidindo diretamente sobre a identidade pessoal do sujeito pós-moderno, uma vez que este não possui uma identidade fixa e sim, mutável e provisória. Diante do exposto, é oportuno afirmar que as atitudes de Raquel são semelhantes ao comportamento desse sujeito pós-moderno, sobretudo, nas inconstâncias quando se refere aos seus desejos, pois conforme mudam as situações também mudam os seus desejos: em determinado momento ela quer ser pequena em outros quer ser grande. Sendo esse tipo de comportamento um reflexo das transformações provocadas por estas mudanças temporárias que ocorrem durante o desenvolvimento dos sujeitos e na estrutura da sociedade moderna:

- Ah, me deixa pequena! Quero ser pequena a vida toda. [...]
- Às vezes a gente quer muito uma coisa e então acha que vai querer a vida toda. Mas aí o tempo passa. E o tempo é o tipo de sujeito que adora mudar tudo.
Um dia ele muda você e pronto: você enjoa de ser pequena e vai querer crescer. [...]
- Então tá bom, me faz pequena. Mas bota dentro de mim o jeito de ser grande. (BOJUNGA,2014, p.48-49).

O Galo Terrível procura mostrar a insatisfação da menina em não aceitar que pessoas determinem e decidam o que a outra deve ou não fazer, ou seja, que “costurem o seu pensamento”. Ao mesmo tempo que põe em evidência outro dilema bastante recorrente: o de pessoas que se aproveitam de determinadas situações para tirar vantagens sobre as outras:

- Afonso ficou olhando pro Terrível com uma cara muito séria. De repente se zangou:
- Você ganhou cento e trinta lutas?
 - Ganhei.
 - Então você ganhou um bocado de dinheiro?
 - Eu não: meus donos é que ganharam. (BOJUNGA, 2014, p.59).

Os personagens da Casa dos Consertos, além de contribuir no processo de construção e aceitação da identidade de Raquel, também a fizeram compreender que tudo na vida ocorre conforme a maneira de agir e pensar das pessoas em sociedade:

- Por que é que ele tá cozinhando e tua mãe tá soldando panelas?
- Porque ela hoje já cozinhou bastante e ele já concertou uma porção de coisas; e eu também já estudei um bocado e meu avô soldou muita panela: tava na hora de trocar tudo.[...]
- Não tem sempre uma porção de coisas pra resolver? Quem é que resolve? Nós quatro. [...] Aqui todo mundo acha igual. (BOJUNGA, 2014, p.112-114).

Num contínuo processo dialógico através da escrita, os discursos vão se constituindo e produzindo sentido. Raquel se liberta dos preconceitos estabelecidos pela sociedade, que recaem sobre sua pessoa e aos poucos vai construindo sua identidade através da interação com

seus personagens, numa relação que envolve sentidos, valores e símbolos durante toda a narrativa. Esse processo de construção da identidade está relacionado à definição de sujeito sociológico de Stuart Hall, que afirma: “a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade” e ressalta que o núcleo interior desse sujeito “era formado nas relações com outras pessoas importantes para ele”. (HALL, p.11). Por meio de um contínuo processo dialógico, os discursos vão se constituindo e produzindo sentido ao longo de toda a narrativa. Deste modo, fica clara a importância que tem a interação por meio das relações sociais:

Pronto o quê? Cadê as pipas?

Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e minha vontade de ser grande. Elas tinham emagrecido que pareciam até de papel. [...]

Você não vai mais esconder as vontades dentro da bolsa amarela?

–Não. Elas viram que eu tava perdendo a vontade delas, então perguntaram se podiam ir embora. Eu falei que sim. Elas quiseram saber se podiam ir que nem pipa e eu disse: “claro, ué”. [...]

Puxa vida, como eu curti soltar aquela pipa! [...]

Tanta coisa estava sumindo no ar que eu nem sei o que é que eu pensei. [...]

A bolsa amarela tava vazia à beça. Tão leve. E eu também, gozado, eu também estava me sentindo um bocado leve. (BOJUNGA, 2014, p.131-132-134-135).

A escrita se tornou na vida de Raquel um ato muito prazeroso, pois permitiu a menina a realização de desejos aparentemente tão simples como soltar uma pipa, escrever um romance, até mesmo entender que, mesmo sendo criança, é possível participar de decisões importantes da família. Mas que em seu mundo real todas essas atitudes são frustradas devido à existência de paradigmas estabelecidos por uma sociedade preconceituosa.

Considerações Finais

Em “A Bolsa Amarela”, a escrita é o elemento primordial no processo de formação da identidade da protagonista (aceitação como criança, como escritora e como menina), bem como, na compreensão do mundo ao seu redor, do Outro e das diferenças que existem entre eles. Por meio de uma escrita imaginativa e dialógica, a personagem protagonista empreende um olhar para si mesma, como também, para sua condição em seu núcleo familiar.

A escrita lhe proporcionou um enorme prazer, pois permitiu que aos poucos ela fosse se descobrindo e percebendo que não precisava deixar de ser criança nem menina para ser feliz e se realizar. A partir de então, a menina passa a se sentir mais segura de si e a começar a desenvolver um pensamento crítico a respeito do que acontece ao seu redor. Em decorrência desses fatores, o mundo adulto já não é desejado com tanta urgência e a personagem se aceita

como criança e como menina: “[...] Que alívio. Acabei até mudando de ideia: resolvi que se eu queria escrever qualquer coisa eu devia escrever e pronto. Carta, romancinho, telegrama, o que me dava na cabeça. Queriam rir de mim? Paciência. Melhor riem de mim do que carregar aquele peso dentro da bolsa amarela.” (p.103).

A temática principal do livro é a aceitação de si e a busca por um lugar no mundo. Trata-se de uma temática importante, pois possibilita ao leitor, sobretudo juvenil, a reflexão de questões atuais e importantes para o seu desenvolvimento humano. Além disso, mostra que a obra está sintonizada com discussões contemporâneas a nível estético (diálogo entre imagem/palavra, a linguagem como construção, interação) e sociocultural (reflexão sobre a aceitação das diferenças sejam elas de caráter social, cultural e/ou de gênero), favorecendo a interação efetiva do leitor com o universo interior das personagens.

Ademais, o livro apresenta um trabalho criativo com a linguagem escrita, despertando a curiosidade e instigando o interesse das crianças e dos jovens.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa/** José Carlos de Azeredo. – São Paulo: Publifolha, 2008.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

BAKHTIN, M. **Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance**. In *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. BERNADINI, Aurora F. et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 397-428.

BARROS, Diana Luz Pessoa. **Contribuições de Bakhtin às teorias discurso**. In: BRAIT, Beth (Org.) *Dialogismo e Construção do Sentido*. Campinas/São Paulo: Editora UNICAMP, 1997.

BOJUNGA, Lygia. **A Bolsa Amarela**. 35ª ed., Rio de Janeiro, 2014.

COELHO, Nelly Novais. **Dicionário crítico de Literatura infantil/juvenil brasileira: 1882-1982**. São Paulo: Quiron, 1988.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin** / José Luiz Fiorin. – São Paulo : 2006 144p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 3ª ed., Rio de Janeiro, DP&A, 1999.

PERROTTI, E. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

Sites:

www.casalygiabojunga.com.br

http://pt.wikipedia.org/wiki/lygia_bojunga

www.pesquisa.com/biografias/monteiro_lobato